



Expresso

31-08-2013

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

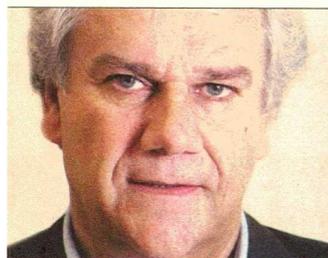
Tiragem: 131300

Temática: Política

Dimensão: 155

Imagem: S/Cor

Página (s): 9



Fernando Madrinha

fjmadrinha@hotmail.com

PALAVRAS NECESSÁRIAS

Até à vítima número cinco, o Presidente da República entendeu apresentar, apenas em privado, as condolências devidas às famílias dos bombeiros mortos pelos fogos. Para muitos, a atitude de Cavaco Silva foi um escândalo, contrastando com as condolências públicas pelo desaparecimento de António Borges. Outros desvalorizaram o assunto, atribuindo a onda de protestos a simples motivações políticas.

Na vida pública há palavras necessárias, mesmo quando nada resolvem. Sendo o Presidente — o atual como os anteriores — tão pronto a felicitar atletas que se distinguem no estrangeiro, a lamentar publicamente o desaparecimento desta ou daquela personalidade, ou a condecorar outras cujo contributo para o bem comum mal se percebe, só podemos estranhar que, no caso dos bombeiros levados pelas chamas, se tenha limitado a mandar um assessor telefonar. Tanta discrição tem sido atribuída a insensibilidade, ou a uma hierarquização dos mortos segundo critérios de classe ou de proximidade, interpretação cruel e, quero crer, injusta. Alguém com a vivência pessoal e a experiência política de Cavaco Silva não podia deixar de compreender

e comungar da comoção geral que os sucessivos dramas têm provocado e que lhe impunham o dever de falar deles em público.

Porque só o fez, então, depois de criticado? Talvez por medo de ser acusado de um pecado oposto ao que agora lhe apontaram, isto é, o de se aproveitar politicamente da tragédia. É bem possível que alguns, por sectarismo ou má-fé, lhe fizessem essa crítica. Mas se se deixou tolher por tal receio, optando

O medo de ser acusado de aproveitamento político pode explicar mas não justifica o prolongado silêncio de Cavaco

pela fórmula abstrusa das condolências privadas, cometeu um erro grave de avaliação que nos leva à conclusão de que o Presidente e a Casa Civil que devia aconselhá-lo perderam a bússola do senso comum. O que também vale para o chefe do Governo, cuja palavra, igualmente tardia, não deixava de ser necessária só porque o seu ministro da Administração Interna ia comparecendo aos funerais.